



**Digno da ciência e consideravelmente útil: pensar a ética na tradução de *De contagione* [Sobre o contágio] (1546), de Girolamo Fracastoro, ao português brasileiro<sup>1</sup>**

***Worthy of Science and Considerably Useful: Think about Ethics in the Translation of De contagione [On contagion] (1546), by Girolamo Fracastoro, into Brazilian Portuguese***

Karine Simoni

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina / Brasil

[kasimoni@gmail.com](mailto:kasimoni@gmail.com)

<http://orcid.org/0000-0003-4965-7196>

**Resumo:** A tradução, através da qual construímos relações com o outro, implica em escolhas pautadas em uma ética. Falar de ética em tradução é sempre desafiador, pois transportar um texto de uma língua para outra leva inevitavelmente a pensar nos limites das próprias possibilidades e no reconhecimento da natureza do fazer tradutório – hermenêutico? dialético? político? epistemológico? Conforme Berman (2002, p. 17), a ética “consiste em definir o que é a ‘fidelidade’”, ou seja, reside no processo de refletir sobre as escolhas a serem tomadas; na construção das hipóteses de mundos possíveis (ECO, 2003, p. 45). A partir dessas premissas apresenta-se o objetivo deste estudo: pensar a ética no processo de tradução do texto *De contagione et contagiosis morbis et curatione* [Sobre o contágio, as doenças contagiosas e o seu tratamento] publicado

---

<sup>1</sup> Esse estudo foi feito no âmbito da pesquisa de pós-doutorado em andamento (agosto 2019 – julho 2020) na Pós-graduação em Ciência da Literatura, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sob a supervisão do Prof. Dr. Marco Lucchesi. A pesquisa tem como propósito apresentar a tradução comentada e anotada para o português brasileiro do tratado *De contagione et contagiosis morbis et curatione* [Sobre o contágio, as doenças contagiosas e o seu tratamento] (1546), de Girolamo Fracastoro.

em 1546 e escrito pelo médico, filósofo e poeta Girolamo Fracastoro (Verona, 1476 ou 1478 – Incaffi, 1553), ao português do Brasil.

**Palavras-chaves:** Girolamo Fracastoro; *De contagione*; tradução ética; medicina; séc. XVI.

**Abstract:** The translation, through which we build relationships with others, implies choices based on ethics. Talking about ethics in translation is always challenging, since transporting a text from one language to another inevitably leads to thinking about the limits of one's own possibilities and the recognition of the nature of translating – hermeneutics? dialectic? political? epistemological? According to Berman, ethics “consists in defining what's ‘fidelity’” (2002, p. 17), that is, it resides in the process of reflecting on the choices to be made; in the construction of possible world hypotheses (ECO, 2003, p. 45). Based on these premises, the objective of this study is presented: to think about ethics in the text translation process *De contagione et contagiosis morbis et curatione* [Contagion, contagious diseases and their treatment] published in 1546 and written by the physician, philosopher and poet Girolamo Fracastoro (Verona, 1476 or 1478 – Incaffi, 1553), to Brazilian Portuguese.

**Keywords:** Girolamo Fracastoro; *De contagione*; translation ethics; medicine; 16th century.

Falar de ética em tradução, ou em éticas, em especial tratando-se de tradução literária, é sempre desafiador, pois imergir na ação de transportar um texto de uma língua para outra nos leva inevitavelmente a pensar nos limites das próprias possibilidades e no reconhecimento da natureza do fazer tradutório – hermenêutico? dialético? político? epistemológico? Se a tradução é, antes de tudo, um ato ideológico de mediação intercultural, como passaram a enfatizar os estudos a partir dos anos 80 e 90 do século XX (Lawrence Venuti (1995, 2002) Gideon Toury (1995), Luise von Flotow (1997), para citar alguns nomes), no ato de traduzir – e, conseqüentemente, no pensar sobre a tradução – surge a questão da alteridade e da experiência linguística/cultural dos mundos envolvidos. Quem é esse outro, e, por conseguinte, quem sou, como se estabelece essa relação?

A tradução conduz a interrogações sobre esses e outros aspectos: sobre como promover a passagem de uma língua/cultura à outra, e também como “traduzir” a nós mesmos, ou seja, a existência do ser humano e a sua localização no mundo. Dito de outra maneira, refletir

sobre a tradução implica levantar questionamentos sobre como interpretar e compreender – e, nesse sentido, “traduzir” – a condição humana seja nas suas diferenças, seja nas experiências partilhadas. Se *tradução* for, antes de tudo, movimento – não por acaso, as acepções latinas *trāductūs*, *traducere* (*trans* = além, *dūcere* = conduzir) (PIANIGIANI, 1926) trazem em si a ideia de passagem, condução, deslocamento – a própria etimologia da palavra tenderia a orientar que se observe mais o processo e menos o produto final. No processo de ir em busca do outro, o/a tradutor/a estabelece pontes com seu próprio mundo, construído não de forma neutra, mas subjetiva: a leitura e compreensão do texto de partida advém de uma perspectiva definida, com destinatários/as específicos/as; essa leitura varia de acordo com a época, condições e visão de mundo-*ética* de quem traduz. A ética, aliás, é assim definida por Antoine Berman (2002, p. 17-18, grifo do autor):

A *ética* da tradução consiste, no plano teórico, em resgatar, afirmar e defender a pura visada da tradução como tal. Ela consiste em definir o que é a “fidelidade”. A tradução não pode ser definida unicamente em termos de comunicação, de transmissão de mensagens ou de *rewording* ampliado. Ela também não é uma atividade puramente literária/estética, mesmo que esteja intimamente ligada à prática literária de um dado espaço cultural. Traduzir é, obviamente, escrever e transmitir. Mas essa escritura e essa transmissão só ganha o seu verdadeiro sentido a partir da visada ética que as rege. [...] Definir mais precisamente essa visada ética [...] eis uma das tarefas de uma teoria da tradução.

Se hoje é consenso pensar que a tradução não se reporta apenas à língua/cultura de partida e/ou de chegada, do contrário: superadas as dicotomias fidelidade *versus* infidelidade, original *versus* tradução, traduzir com ética significa (re)pensar e (re)criar significados enraizados em ambas as realidades, em um novo espaço em que o/a tradutor/a possui uma dupla e simultânea responsabilidade em relação ao sistema de partida e de chegada, a saber, a responsabilidade de construir “uma hipótese sobre o mundo possível que este [o texto] representa”<sup>2</sup> (ECO, 2003, p. 45, tradução nossa). Ou seja, o/a tradutor/a “deve escolher a acepção ou o sentido mais provável, racional e relevante *naquele*

<sup>2</sup> “una ipotesi sul mondo possibile che esso rappresenta”. As traduções aqui apresentadas são de minha autoria.

contexto e naquele mundo possível”<sup>3</sup> (ECO, 2003, 45, grifo do autor, tradução nossa). O verbo *escolher*, aliás, indica que não há uma única possibilidade de compreensão, e seria então mais apropriado pensar em *éticas* da tradução (cf. BERMAN, 1995; VENUTI, 2002).

A ética do/a tradutor/a reside, deste modo, no processo pouco fácil de refletir sobre as escolhas tomadas, sejam elas sobre o que traduzir, sejam sobre como traduzir; na construção das hipóteses de mundos possíveis das quais nos fala Eco (2003) e na definição do que seja fidelidade, como afirma Berman (2002). Além do mais, dentro do universo das éticas da tradução, caberia também perguntar quem pode decidir como traduzir cada tipo de texto. Também não seria descabido mencionar o longo e árduo processo dos tradutores e tradutoras que, ao longo da história, foram paulatinamente passando do anonimato e da submissão ao “original” à prática profissional independente e à afirmação de autoria, tornando-se menos invisíveis e mais ativos no processo de criação do texto e também partícipes da formulação de teorias da tradução, desenvolvendo a própria justificativa para a ética da tradução. De acordo com Berman (1995, p. 92, grifo do autor, tradução nossa), “A poética de uma tradução reside no fato de o tradutor ter feito um trabalho textual real, ter *feito o texto* em correspondência mais ou menos estreita com a textualidade do original”,<sup>4</sup> mas, independentemente das escolhas de quem traduz, a tradução só deixa de ser ética quando se desenvolve em um ambiente de inverdade, a saber, quando o/a tradutor/a não revela suas intenções:

Não dizer o que vai ser feito – por exemplo, adaptar ao invés de traduzir – ou fazer uma outra coisa diferente do que foi dito, eis o que valeu à corporação o adágio italiano *traduttore traditore*, e isso o crítico deve denunciar duramente. O tradutor tem direito a tudo, desde que jogue jogo limpo.<sup>5</sup> (BERMAN, 1995, p. 93, tradução nossa).

<sup>3</sup> “deve scegliere l’accezione o il senso più probabile e ragionevole e rilevante in *quel* contesto e in *quel* mondo possibile”.

<sup>4</sup> “La poéticité d’une traduction réside en ce que le traducteur a réalisé un véritable travail textuel, a *fait texte*, en correspondance plus ou moins étroite avec la textualité de l’original.”

<sup>5</sup> “Ne pas dire ce qu’on va faire – par exemple adapter plutôt que traduire – ou faire autre chose que ce qu’on a dit, voilà ce qui a valu à la corporation l’adage italien *traduttore traditore*, et ce que le critique doit dénoncer durement. Le traducteur a tous les droits dès lors qu’il joue franc jeu.”

Tradutores/as éticos/as poderiam então ser definidos/as como aqueles/as que norteiam seus trabalhos na apresentação da obra traduzida, da sua proveniência, de modo a incitar o público a reconhecer a alteridade do texto e a estabelecer o diálogo entre as tradições, no processo de mediação linguística, cultural, social que compõe a tradução. O/A tradutor/a, portanto, não é um filtro transparente pelo qual o texto passa, ele/a é uma fonte de energia que cria o *esplendor* da tradução (ORTEGA Y GASSET, 2013), ou seja, a experiência de desfrutar, de maneira criativa, as diferenças entre as línguas/culturas envolvidas, tornando possível o processo, o diálogo, a convivência.

É a partir dessas premissas que apresento meu objetivo: pensar a ética, a partir de Berman e Eco, no processo de tradução ao português brasileiro do texto *De contagione et contagiosis morbis et curatione* [Sobre o contágio, as doenças contagiosas e o seu tratamento], doravante *De Contagione*, publicado em Veneza em 1546 e escrito pelo médico, filósofo e poeta Girolamo Fracastoro (Verona, 1476 ou 1478 – Incaffi, 1553). Dito de outra maneira, busco refletir sobre a forma mais adequada de apresentar o autor e seu texto ao público brasileiro. A primeira questão que me coloco é: como considerar textos dessa tipologia? Embora no momento da escrita tivesse a finalidade de servir como referência no conhecimento e cura das doenças mais comuns na época, hoje poderia ser considerado um texto literário, visto que seu conteúdo “científico” não responde mais às demandas das ciências médicas do século XXI? Deve o/a tradutor/a munir-se de instrumentos específicos para traduzir um texto com características que, como detalharei, demonstram “cientificidade histórica” e narrativa subjetiva quase que ao mesmo tempo? Friedrich Schleiermacher, no seu clássico *Sobre os diferentes métodos de tradução*, lido em 1813 em uma instituição de aporte científico, a saber, a Academia Real de Ciências de Berlim, nos oferece uma reflexão sobre isso ao afirmar que, quando traduzimos de uma língua estrangeira para outra, “chegamos a dois domínios: com certeza não inteiramente determinados, como é raro acontecer, mas apenas com limites imprecisos” (2010, p. 41). Ao falar de domínios, o autor refere-se ao trabalho do intérprete e ao trabalho do tradutor: enquanto o primeiro cumpre suas funções no âmbito dos registros da oralidade e dentro do contexto da vida comercial, “o tradutor genuíno [atua] preferencialmente no domínio da ciência e da arte.” (SCHLEIERMACHER, 2010, p. 41). Tomo emprestada, portanto, a ideia de *limites imprecisos* dada por Schleiermacher para pensar – e

traduzir – o texto de Fracastoro considerando a imagem do texto escrito – objeto de estudo do/a tradutor/a – um gênero híbrido. Ressalto ainda que, por ser essa uma pesquisa em andamento, as considerações aqui feitas no que tange à tradução propriamente dita aparecerão principalmente como projeto de tradução.

Uma vez que parte da ética do traduzir consiste em apresentar o/a autor/a ao público, utilizo-me deste espaço para realizar esse intuito, já que, em pesquisa realizada até o momento em sites de livrarias, bibliotecas e nos portais de periódicos e no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, constatei que não há traduções da obra de Fracastoro no Brasil, e o número escasso de estudos publicados em língua portuguesa é um indicativo de como o autor seja pouco conhecido. Foram, porém, notificadas duas teses sobre o autor no Brasil,<sup>6</sup> ambas defendidas na área da saúde, o que denota interesse por sua obra e também por suas possíveis contribuições para a cultura e os estudos médicos brasileiros. Com efeito, a efetivação de mais traduções do autor para a língua portuguesa possibilitaria uma forma de ampliar os diálogos com a cultura renascentista e seu legado. Sendo a tradução uma ponte para o Outro, em que medida suas ideias e sua forma de escrita, em especial as do tratado aqui apresentado, ecoam em nós, transeuntes do século XXI, que dispomos já de uma medicina tão mais evoluída se comparada àquela do século XVI?<sup>7</sup>

Autor multifacetado, Fracastoro estudou da medicina à astronomia, da geografia à física, da filosofia à teologia e à poesia.<sup>8</sup> Em 1502 formou-se em arte na universidade de Pádua, onde também, em 1505, obteve o doutorado em medicina. A partir de então, até 1509, passou a desempenhar a função de professor de lógica e “*consiliarius anatomicus*”, conciliador nos debates e conflitos entre os partidários de diferentes escolas filosóficas, como alexandrinos, escolásticos e averroistas. Nesse ambiente estreitou laços com personalidades como o filósofo Pietro Pomponazzi, que teria começado as traduções de Aristóteles, o médico e filósofo Alessandro Achillini, tradutor das obras de Averroes, o linguista Pietro Bembo e o astrônomo e matemático Nicolau Copérnico, de quem foi colega. Sua formação é, portanto, pluridisciplinar, não limitada à

---

<sup>6</sup> São elas as teses de Wilson Daher (2008) e de Luiz Alberto Ferreira (2008).

<sup>7</sup> Para aprofundar sugiro Roy Porter (2006) e Jacques Le Goff (1985).

<sup>8</sup> As informações biográficas foram pesquisadas em: Francesco Pellegrini (1952); Alessandro Pastore e Enrico Peruzzi (2006).

tradição aristotélica, mas aberta a trocas com a tradição antiga grega e latina, além da árabe e dos estudos humanistas. Vale lembrar que nesse momento a história italiana é notável pela atuação de importantes personalidades das ciências exatas, humanas, naturais, assim como nas artes e nas letras: é o século de Leonardo, Galileu, Copérnico, Vesali, Benedetti, Michelangelo; florescem as Academias de ciências e de letras, os estudos matemáticos e de arquitetura, surgem os primeiros hortos botânicos, intensifica-se o estudo do corpo humano e dos astros, o europeu chega às Américas (MILZA, 2007, p. 487-489). Fracastoro vive, portanto, em um ambiente cultural bastante profícuo para o desenvolvimento das ciências e das artes.

Além do exercício da medicina propriamente dito, Fracastoro dedicou-se à escrita de tratados, dentre os quais o *Trattato sulla sifilide* e o *De contagione*, sua obra mais famosa, graças à qual é considerado o pai da patologia moderna (PELLEGRINI, 1952, p. 47). A razão para que esse tratado tenha alcançado notoriedade, inclusive nos séculos seguintes, deve-se sobretudo à seção em que o autor se dedica ao assim chamado *mal francês* e à descrição dos vários tratamentos utilizados na época. Segundo John Henderson (2006, p. 73, tradução nossa), “de fato, Fracastoro foi quase beatificado nos séculos XIX e XX por estudiosos de doenças venéreas que identificaram o histórico veronense como pioneiro da identificação da “sífilis”, embora esse termo tenha sido usado apenas recentemente”.<sup>9</sup>

Pelo seu prestígio foi nomeado pelo papa Paulo III médico do Concílio de Trento (1545 a 1563), fato esse que consolida a sua reputação profissional, e, nessa condição, aconselhou a mudança da sede do Concílio de Trento para Bolonha, devido a uma epidemia de febre tifoide que ocorria na região.<sup>10</sup> Outros indícios de que foi uma

---

<sup>9</sup> “Fracastoro, infatti, fu quasi beatificato nell’Otto e nel Novecento dagli studiosi delle malattie veneree che individuarono nello storico veronense il pioniere dell’identificazione della ‘sifilide’, sebbene questo termine sia stato utilizzato solo di recente.”

<sup>10</sup> A orientação de Fracastoro de transferir o Concílio não foi aceita com unanimidade e gerou discussão entre os que aceitaram o parecer de Fracastoro e os que julgaram desnecessária a mudança, por considerarem o contágio e a doença não graves, muitos deles ligados à elite econômica que sofreu com o cancelamento dos aluguéis e os lucros comerciais advindos da estadia dos clérigos. Fracastoro foi acusado de defender os interesses papais em detrimento dos interesses imperiais, apoiados por clérigos espanhóis.

personalidade importante do seu tempo podem ser encontrados, por exemplo, nas ricas vestes com as quais seu retrato foi pintado por Tiziano, em aproximadamente 1528, hoje depositado na National Gallery em Londres, e uma estátua que o representa na Piazza dei Signore, em Verona. Por fim, é válido lembrar que uma das crateras lunares recebeu o seu nome.

Fracastoro escreveu também um conjunto de textos literários, a maioria em latim, publicados na sua época, que incluem composições poéticas em forma de canções [os *Carmina*], os diálogos *Naugerius sive De poetica* [Navagero. Diálogo sobre a poética], o *Turrius sive De intellectione* [Turrio, ou o conhecimento], o *Fracastorius sive De anima* [Fracastoro. Sobre a alma], o poema de inspiração bíblica *Joseph* (incompleto), o *De vini temperatura sententia* [Parecer sobre a temperatura do vinho], a *Risposta del crescimento del Nilo* [Resposta sobre o crescimento do Nilo] (texto escrito como resposta às *Navigazioni e viaggi* [Navegações e viagens] de Ramusio). Alguns inéditos, como um tratado de cosmologia e parte do epistolário, foram publicados em 1955. A sua obra literária mais famosa, escrita em três livros em formato de versos hexâmetros, é o poema *Syphilis sive de morbo gallico* [Sífilis, ou o mal francês], escrito em 1521 e publicado em 1530, que trata da natureza e do tratamento da homônima doença venérea, assim denominada por Fracastoro inspirado na história do pastor Sífilo, que teria sido punido com uma terrível doença que deformava o corpo por ter ofendido Apolo.

Como se percebe, Fracastoro circulou em áreas de conhecimento diversas entre si, mas que na sua obra coexistem natural e coerentemente. É simbólico notar como *De contagione*, produto da sua maturidade, tenha sido escrita em 1546, dezesseis anos depois da publicação de *Syphilis sive de morbo gallico*. Ressalto com isso que Fracastoro provavelmente tenha acreditado na composição poética como uma forma em potencial para falar de assuntos relevantes como contágio, doença, tratamento, motivo pelo qual teria publicado suas ideias primeiro em poesia e só depois em prosa. É válido lembrar que um dos motivos pelos quais escreveu o tratado *De Contagione* foi para oferecer uma resposta às duras críticas que recebera por parte de alguns contemporâneos que questionaram o

---

A transferência do Concílio de Trento para Bolonha, ocorrida entre 1547 a 1549, deve ser vista, portanto, também sob o viés de disputas de poder político. (PASTORE, 2006).



fato dele utilizar a forma poética para escrever sobre medicina, conforme retrata em uma carta endereçada a G. Amalteo (PELLEGRINI, 1952, p. 50, tradução nossa): “os meus estudos e pensamento não estão apenas no fazer versos, como esses médicos caluniadores gostariam que se acreditasse”.<sup>11</sup> O médico parece ver-se na função de aperfeiçoar a ciência médica, pois para ele os estudos que existiam até então não haviam se aprofundado de modo suficiente na origem das infecções, nas causas, no tratamento mais adequado da doença e nos modos de aplicá-lo. Sente-se, assim, impelido a (re)escrever suas ideias em forma de prosa, como uma espécie de autotradução cujo objetivo, e ao mesmo tempo resultado imediato, era uma escrita mais livre das normas poéticas vigentes no seu tempo. Escreve ele na introdução do tratado sobre a sífilis, em que se dirige a Pietro Bembo, principal linguista do período:

Depois de eu já ter-lhe escrito em poesia sobre a sífilis, ó digníssimo Bembo, aqui está outro trabalho que me foi oferecido: uma vez que, enquanto o poeta, cujo dever e objetivo é dizer com simplicidade coisas perfeitas, submete o tema ao discurso; outros, por outro lado, podem subordinar o discurso ao tema [...] o poeta, por obrigação, omite muitas coisas, ou seja, tudo o que não é adequado para adornar e modificar o discurso e para lançar luz sobre o tema tratado. Tendo verificado isso, de modo que muitas noções necessárias à compreensão do assunto foram omitidas por serem impossíveis de serem expostas poeticamente, considere o caso de escrever-lhe novamente sobre o mesmo assunto, subordinando, porém, com um estilo mais livre, o discurso ao assunto a ser tratado, para que nada do que é importante para o conhecimento de um assunto tão necessário permaneça omitido.<sup>12</sup> (FRACASTORO, 1939, p. 149, tradução nossa).

---

<sup>11</sup> “Li miei studi e pensieri non sono sempre in far versi come questi medici calunniatori vorrebbero che si credesse.”

<sup>12</sup> “Dopo averti già scritto in poesia intorno alla sifilide, o eccellentissimo Bembo, ecco che ancora un nuovo lavoro a me si è offerto: imperocchè, mentre il poeta, di cui l’ufficio e lo scopo è il dire con semplicità cose perfette, assoggetta la materia al parlare, altri invece può subordinare il parlare alla materia [...] che il poeta, per dovere, ometta molte cose e, cioè, tutto quanto non è atto ad adornare e modificare il discorso e a far riflettere l’argomento trattato. La qual cosa pure essendosi per me verificata, per cui molte nozioni necessarie all’intelligenza dell’argomento furono omesse come impossibili ad essere poeticamente esposte, ritenni fosse il caso di nuovamente scriverti sullo stesso argomento,

A preocupação de Fracastoro em tornar o conhecimento acessível e possivelmente para se sentir mais reconhecido é, assim, maior do que a própria escolha inicial de escrever sobre o assunto em forma de poesia, por isso a transformação do texto de verso em prosa. De todo modo, essa escolha não invalidou o desejo de se dedicar à poesia e a outras formas literário-filosóficas, como atestam as obras literárias por ele publicadas, e a fazer delas o instrumento interdisciplinar de comunicação de suas ideias. Ele deve ser estudado – e, por conseguinte, traduzido –, portanto, na perspectiva do homem do Renascimento, no qual confluíam o estudo da filosofia, das artes e letras, e das ciências. Alberico Benedicenti o define como exemplo de médico-filósofo do Renascimento, assim concebido:

[...] não é o profissional que vê e observa no doente apenas o sofrimento físico, mas é aquele que com o seu pensamento sabe elevar-se a problemas mais vastos que envolvem toda a humanidade: o homem em si mesmo, a origem e a finalidade da vida, o problema misterioso da existência futura. As alegrias e os prazeres, as dores e as ânsias são assuntos que estão na mente do médico-filósofo, que experimenta cada vez mais a necessidade de dilatar a esfera dos seus conhecimentos acerca do mundo exterior, enquanto sente, ao mesmo tempo, uma ânsia e um impulso irresistível de interrogar a natureza para indagá-la e descobrir nela os mais altos e recônditos mistérios.<sup>13</sup> (BENEDICENTI *apud* PELLEGRINI, 1952, p. 122, tradução nossa).

Chamado de “o grande senhor da cultura do século XVI [...] figura das mais representativas da Itália do primeiro Renascimento, homem universal que foi por excelência expresso por Leonardo”,<sup>14</sup>

---

subordinando però con più libero stile il parlare alla materia (da trattarsi), affinché non resti omesso nulla di quanto è importante per la cognizione di un così necessario argomento.”

<sup>13</sup> “non è il professionista che nel malato vede e osserva la sola sofferenza fisica, ma è colui che col suo pensiero sa elevarsi a problemi più vasti che involgono tutta l’umanità: l’uomo in se stesso, l’origine e lo scopo della vita, il problema misterioso dell’esistenza futura, le gioie e i piaceri, i dolori e gli affanni sono argomenti che si affacciano alla mente del medico-filosofo, il quale prova sempre più vivo il bisogno di dilatare la sfera delle sue conoscenze sul mondo esteriore, mentre sente insieme un’ansia ed un impulso irresistibili di interrogare tutta la natura per indagarne e scoprirne i più alti e reconditi misteri”.

<sup>14</sup> “il gran signore della cultura cinquecentesca [...] figura delle più rappresentative dell’Italia del primo Rinascimento, uomo universale che fu per eccellenza espresso da Leonardo”.

(PELLEGRINI, 1952, p. 123, tradução nossa), Fracastoro pertence a um período de transição entre a teologia/filosofia medieval e a filosofia moderna, momento da história em que “o naturalismo, induzido pela filosofia aristotélica, preconizava a observação do real por ele mesmo, definindo-o por seu aspecto concreto, acessível aos sentidos” (POUCHELLE, 2002, p. 163), em meio a novas observações, questionamentos, descobertas e ampliação das fronteiras do humano. Nos escritos de Fracastoro, sejam eles de cunho literário, filosófico ou científico, portanto, encontram-se tanto novos conceitos e métodos, advindos do estudo e observação das causas particulares dos fenômenos, quanto teorias antigas e medievais. Fracastoro considerava o Universo “como um todo complexo e harmonioso, caracterizado por um movimento interno que surgia de causas físicas e leis naturais bem determinadas”<sup>15</sup> (D’AURIA, 2019, p. 59, tradução nossa), afastando-se, dessa maneira, das crenças segundo as quais causas ocultas determinavam a chegada e a profusão das doenças. Estudando os fenômenos da natureza, e assim também os do corpo humano, poderia se chegar ao conhecimento das leis que determinavam os seus funcionamentos.

O valor científico do pensamento de Fracastoro foi reconhecido e compreendido somente na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX (PELLEGRINI, 1952, p. 48 e 127), com estudos que apresentaram de modo especial suas facetas de literato e médico, relações com o naturalismo e o aristotelismo, orientações filosóficas. Embora muitas das suas acepções foram e sejam consideradas ultrapassadas, elas se constituem um notável documento para a história das ideias médicas, e por conseguinte para a história social e cultural de sua época. Naturalmente, o texto não deve ser lido como uma categoria pronta e representativa de um “real” cuja existência é dada como certa e inquestionável. Não podemos esquecer que o conhecimento do passado não existe *a priori*; ele é, assim como o fazer tradutório, uma construção condicionada pela subjetividade de quem o escreve. Compreendo, portanto, a historicidade do texto como tensão entre passado, presente e futuro, e essas categorias, entendidas de forma separada ou mesmo mistas, devem em primeira instância fazer parte do pensamento de quem traduz.

---

<sup>15</sup> “come un tutto complesso e armonico, caraterizzato da un movimento interno che scaturiva da cause fische e leggi naturali ben determinate.”

Como foi dito, Fracastoro não foi suficientemente traduzido – seus escritos foram realizados predominantemente em latim, e nem todas as suas obras estão amplamente disponíveis em outras línguas, nem mesmo em italiano. Essa foi a razão principal que me motivou a propor a tradução da obra *De contagione* para o português brasileiro, e em particular essa obra foi escolhida pelo fato do texto ter sido considerado por Pellegrini, um dos seus principais biógrafos e estudiosos, como a produção mais madura do autor, “síntese concisa e meditação profunda que adivinham o futuro”<sup>16</sup> (PELLEGRINI, 1952, p. 49, tradução nossa). O autor se refere provavelmente ao fato de Fracastoro ter sido um dos pioneiros, se não o primeiro, a pressupor que as doenças fossem causadas por germes infectados capazes de se multiplicarem no organismo e de migrarem para outros corpos por meio da respiração e/ou de outras formas de contato, acepção que posteriormente foi dada por Pauster e Kock. A explicação para o contágio encontra-se, portanto, na transmissão de minúsculos corpos viventes de um indivíduo a outro, e não em possíveis fatores e elementos sobrenaturais, ou pelas chamadas *causas occultas*, como era a explicação mais corriqueira na época.

No início deste artigo acenei para a tradução como o modo, ou instrumento, através do qual construímos e coordenamos a nossa relação com o outro, por definição diferente de nós, pois se existisse apenas familiaridade não haveria necessidade de traduzir. Buscar entender o outro não significa que ele sempre será compreendido, nem que consigamos fazê-lo de forma neutra e objetiva, mas sim que o privilégio do diálogo deve ser a meta de quem traduz de forma ética. No processo de tradução do tratado *De contagione*, creio ser fundamental considerar assim a íntima analogia entre o trabalho do/a tradutor/a e o trabalho do/a historiador/a: arquivos, dicionários, clássicos conhecidos e livros raros de assuntos vários devem ser combinados, muitas vezes em forma de fragmentos ou estilhaços do passado, com abertura disciplinar e hipóteses mais ou menos consistentes. Essa mistura de pesquisa e criatividade permite o surgimento de interpretações e usos da língua com os quais nos aproximamos de passados jamais imaginados e lançamos luz a questões cruciais no presente, tanto linguísticas como culturais. Historiador/a e tradutor/a vinculam o

---

<sup>16</sup> “quella dell’età matura, quella della sintesi concisa e della meditazione profonda che indovinano il futuro”.

passado e o presente, tornam-se agentes capazes de mediar duas culturas, duas línguas, sem também deixar de dar visibilidade ao próprio trabalho.

Ao questionar a forma mais adequada de apresentar o autor e seu texto ao público brasileiro, a resposta que proponho como projeto de tradução é realizar uma tradução baseada na letra do texto (BERMAN, 2013), e que contenha como apoio elementos paratextuais tais como texto de apresentação e notas em que seja possível manifestar não apenas questões relativas a escolhas linguísticas, comentários sobre o texto e/ou diálogos com a história, mas também opiniões sobre questões de tradução que sirvam para que o/a leitor/a melhor se situe dentro do universo que envolve o texto e seus desafios. Antes de falar sobre os temas e a estrutura do texto, e também sobre alguns desafios que se mostraram durante a tradução até o momento, é preciso identificar qual é esse texto de partida. O *De Contagione* foi escrito em latim, e para a tradução utilizo-me da edição de 1574, referenciada como a segunda edição do texto, que se encontra disponível no site do projeto *Gutenberg* sob o título “Opera omnia, in vnum proxime post illius mortem collecta: quorum nomina sequens pagina plenius indicat”, de Hieronymi Fracastorii,<sup>17</sup> publicado pela primeira vez em 1573, e também a única edição italiana de que se tem notícia: *Il contagio, le malattie contagiose e la loro cura*, de Girolamo Fracastoro,<sup>18</sup> de 1950. A escolha de duas edições deu-se pelo fato de o latim ser uma língua que estudo, mas não domino, e, por esse motivo, nesse momento da pesquisa usarei a edição italiana como texto fonte, considerando que, na publicação final, a revisão da tradução será feita a partir do texto em latim, com o apoio especializado.

Como foi dito, Fracastoro escreveu *De Contagione* depois de ter recebido críticas por ter escrito sobre doença e tratamento utilizando-se de composições poéticas, consideradas diletantes e incapazes de servir a assuntos ditos sérios. Além de reescrever em forma de tratado o poema sobre a sífilis, empenha-se também, na mesma época em que atua como médico do Concílio de Trento, ao *De Contagione*, que dedica ao cardeal Alessandro Farnese (1520-1589). Nessa dedicatória, Fracastoro afirma ser “Digno da ciência e consideravelmente útil para a saúde humana”<sup>19</sup> (1950, p. XIII, tradução nossa) analisar o que sejam os contágios, as

---

<sup>17</sup> As referências completas dessa obra estão na lista de referências do presente artigo.

<sup>18</sup> As referências completas dessa obra estão na lista de referências do presente artigo.

<sup>19</sup> “deгна della scienza e notevolmente utile alla salute degli uomini”.

doenças e os seus tratamentos. Para ele, esses aspectos não haviam sido suficientemente estudados, pois os antigos, como Hipócrates, Galeno, Paulo de Egina e outros, se dedicaram mais à observação e descrição dos fenômenos, enquanto os modernos se limitaram a afirmar que as doenças contagiosas seriam resultado de consequências sobrenaturais:

Ninguém ainda tentou expor qual seja, de um ponto de vista geral, a natureza dos contágios; de que modo eles infectam; de que modo se manifestam e por que alguns deixam um surto de infecção, outros se espalham também à distância; por que algumas doenças são contagiosas com um curso leve e mais brando, outras de fato contagiosas mas com um curso mais sério e agudo; de que maneira o contágio difere dos envenenamentos. Estimaram ser suficiente remeter a causa de todas as afecções às propriedades ocultas (como eles as chamavam).<sup>20</sup> (FRACASTORO, 1950, p. XIII-XIV, tradução nossa).

*À dedicatória segue-se o tratado propriamente dito*, composto por três partes, ou livros. No primeiro, contendo 13 capítulos divididos em 29 páginas, o autor trata do que são o contágio e as suas causas; expõe ainda analogias e diferenças entre os contágios. Explica que o contágio nada mais é do que uma infecção transmitida de um ser vivo para outro, sejam esses diferentes ou duas partes consecutivas do mesmo ser. Essa corrupção da matéria “se transmite sempre de forma semelhante a si mesma de uma parte a outra, depois que a infecção se enraíza nas partículas que não aparecem sob nossos sentidos” (FRACASTORO, 1950, p. 5). Nota-se aqui o conhecimento intuitivo do autor, que, mesmo sem contar com instrumentos como microscópios, direciona o contágio à existência de partículas invisíveis a olho nu. Há, para Fracastoro, três tipos de contágio: os que ocorrem por simples contato, como entre frutas em processo de putrefação; os que ocorrem por meio de um agente transmissor, como os que são facilitados por objetos contaminados que

---

<sup>20</sup> “Nessuno ha ancora tentato di esporre quale sia, da un punto di vista generale, la natura dei contagi, in qual modo infettino, in qual modo si manifestino e perché gli uni lascino un focolaio di infezione, gli altri si propaghino anche a distanza, perché delle malattie alcune siano contagiose con un decorso lieve e più mite, altre quasi affatto contagiose ma con un decorso più grave e acuto, in che cosa il contagio differisca dagli avvelenamenti. Stimarono poi sufficiente riportare la causa di tutte queste affezioni a proprietà occulte (come essi le chiamavano).”

transmitem o germe causador da doença; e os que se propagam à distância, como as febres pestilentas, a tuberculose e outras afecções que ocorrem sem o contato direto, então explicadas pelas chamadas causas ocultas.

O primeiro livro termina com as considerações de Fracastoro sobre os indícios de um contágio:

Entre os indícios chamados precursoros, alguns são deduzidos do céu, outros do ar, outros daquelas manifestações encontradas perto das águas e da terra [...] Quando no céu vocês veem os astros chamados planetas tentarem se unir, pois acontece com frequência de os planetas do norte e do sul se unirem, saibam que nessa parte haverá grandes mudanças ao redor da terra, antes haverá grandes umidades para a produção de numerosos vapores que exalam da terra e das águas, depois grandes secas consecutivas devido ao desaparecimento dos vapores e à combustão que ocorre ao redor da terra e no ar: essas mudanças também trazem putrefações: se a conjunção dos astros ocorrer principalmente sob as principais estrelas que se diz serem fixas, pode-se então prever um contágio notável.

[...] sabe-se que isso aconteceu na Gália no ano 864 e, finalmente, na Itália em 1478, no território de Ferrara, Mântua, Verona, Brescia e outros lugares vizinhos, tendo se tornado imensa a sua multidão, logo depois uma pestilência miserável se seguiu. (FRACASTORO, 1950, p. 28-29, tradução nossa).<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> “Fra gli indizii che vengono detti precursori, alcuni vengono dedotti dal cielo, altri dall’aria, altri da quelle manifestazioni che si riscontrano in vicinanza delle acque e della terra [...] Quando nel cielo vedete questi astri che si chiamano pianeti cercare di unirsi, perché spesso accade che dei pianeti settentrionali e australi entrino in congiunzione, allora sappiate che in quella parte avverranno dei grandi mutamenti attorno alla terra, prima delle grandi umidità per la produzione di numerosi vapori che esalano dalla terra e dalle acque, poi delle grandi siccità consecutive a causa della sparizione dei vapori e per la combustione che si produce intorno alla terra e nell’aria: questi cambiamenti portano ugualmente delle putrefazioni: che se la congiunzione degli astri avviene soprattutto sotto le maggiori stelle che diconsi fisse, allora si può predire qualche contagio rimarchevole. [...] si sa che è venuto anche in Gallia nell’anno 864 ed infine in Italia nel 1478 nel territorio di Ferrara, Mantova, Verona, Brescia ed altri paesi vicini essendo divenuta ingente la loro moltitudine, poco dopo ne seguì una pestilenza miserevole.”

Trago esse exemplo para destacar três características do texto de Fracastoro a serem observadas no processo de tradução: o fato de dirigir-se com frequência ao público leitor de forma direta, buscando um diálogo com seus interlocutores; a observação da natureza e o estabelecimento de hipóteses sobre o futuro a partir da percepção do mundo natural, características não só de Fracastoro como também da filosofia do seu tempo; e, por fim, a referência a fatos históricos, que, a meu ver, também demandam pesquisa no momento de fazer a tradução, momentos esses que, neste caso, serão contemplados com notas explicativas.

Em relação ao livro II, dividido em 15 capítulos dispostos em 42 páginas, Fracastoro trata das especificidades do contágio de cada doença: febre, varíola, tuberculose, peste, raiva, sífilis, elefantíase, lepra, bem como apresenta as distinções entre as doenças. Destaco um trecho do capítulo em que ele discorre sobre a sífilis:

Nesse período, surgiam os primeiros sinais do mal contraído: certa tristeza atingia a alma; certo cansaço do corpo, palidez no rosto, enfim, na maioria das vezes aparecia nas áreas pudicas pequenas úlceras [...]. Posteriormente, surgiam pústulas com crostas sobre a pele, em alguns começando no couro cabeludo (e foi o caso mais frequente), em outros em outras regiões. No início pareciam pequenos, depois aumentavam gradualmente, até atingirem o tamanho da ponta de uma bolota [...] Em alguns eram brilhantes, em outros esbranquiçados e levemente pálidos; em alguns mais duras e rosados. Depois de alguns dias, elas se abriam e uma mistura mucilaginosa e fétida gotejava, com uma drenagem contínua cuja quantidade não pode ser dita, nem quanto era a sujeira. Essas pústulas ulceradas depois se corroíam como as úlceras chamadas fagedênicas e às vezes afetavam não apenas a carne, mas também os ossos. Aqueles em que o mal era particularmente intenso, nos órgãos superiores eram atingidos por catarros malignos que roíam ora o palato, ora a faringe, ora as mandíbulas e as amígdalas. Alguns tiveram consumidos lábios, nariz, outros olhos, outros todos os genitais externos. [...] E dores contínuas, das quais nada era mais cruel, afligiam principalmente à noite: a dor não residia nas articulações, mas ao redor dos músculos e dos próprios nervos. Em alguns as pústulas se manifestavam sem dor e em outros, dor sem pústulas; a maioria foi atormentada por ambos os sintomas. Enquanto isso, os membros iam definhando, o corpo perdia peso, não havia desejo



de comida, falta de sono, tristeza e raiva constante, necessidade de deitar, rosto e pernas inchados; às vezes uma febre ligeira. [...] Estes foram os sintomas daqueles que foram incomodados por esta doença. (FRACASTORO, 1950, p. 60-61, tradução nossa).<sup>22</sup>

Quando Fracastoro escreve e publica seu tratado, a sífilis estava difundida na Europa há cerca de 30 ou 40 anos, e sua origem, como o próprio nome diz, acreditava-se estar nos soldados franceses que, adentrados na Itália, teriam trazido consigo a doença e a espalhado por meio das casas de prostituição. Fracastoro não foi o único a comentar o mal, mas o detalhamento ao descrever os sintomas e a inclusão do estudo do contágio como parte da prevenção e da cura fornecem um dos quadros mais amplos de conhecimento da doença na época. Essa riqueza de detalhes está presente também na descrição de outras doenças e é sem dúvida um aspecto a ser observado na tradução.

---

<sup>22</sup> “Durante questo periodo, apparivano i primi indizi e del male contratto: una certa tristezza colpiva l’animo; una certa stanchezza del corpo, un pallore nella faccia, infine, ciò che avveniva nella maggior parte apparivano nelle zone pudente delle piccole ulcere [...] Dopo, erompevano per la pelle delle pustole crostose, in alcuni cominciando dal cuoio capelluto (ed era il caso più frequente), in altri in altre regioni. Dapprima esse apparivano piccole, poi aumentavano poco a poco, fino a raggiungere la grandezza di una cupula di ghianda [...] In alcuni livide, in altri biancastre e leggermente pallide; in alcuni più dure e rosastre. Tutte poi dopo pochi giorni si aprivano, e ne colava un umore mucillaginoso e fetido, con uno scolo continuo di cui non si può dire la quantità, nè quanta fosse la sporcizia. Queste pustole ulcerate poi andavano corrodendosi come quelle ulcere che si chiamano fagedeniche e qualche volte intaccavano non solo le carni, ma anche le ossa. Quelli in cui il male era particolarmente intenso, negli organi superiori erano afflitti da catarrhi maligni che ora rodevano il palato, ora la faringe, ora le fauci e le tonsille. Alcuni ebbero consunte le labbra, alcuni il naso, altri gli occhi, altri tutti i genitali esterni. [...] E questi dolori continui, dei quali niente era più crudele, affliggevano principalmente la notte: il dolore non risiedeva propriamente nelle giunture, ma piuttosto attorno ai muscoli e agli stessi nervi. In alcuni le pustole si manifestavano senza alcun dolore e in altri dolori senza pustole; la maggior parte era afflitta dall’uno e dall’altro sintomo. Intanto tutte le membra languivano, il corpo dimagriva, non c’era alcun desiderio di cibo, c’era mancanza di sonno, tristezza e iracondia continua, bisogno di sdraiarsi, la faccia e le gambe si gonfiavano; qualche volte si aggiungeva una leggera febbre, ma raramente. [...] Questi erano i sintomi di quelli che erano travagliati da tale malattia.”

Por fim, o terceiro e último livro, dividido em 11 capítulos de 46 páginas, dispõe dos métodos de tratamento para cada tipo de doença. No capítulo em que trata sobre as febres pestilentas, lemos:

[...] se o contágio for trazido à sua região vindo de outra, feche as janelas que estão voltadas a esta e morem nas partes opostas da casa. Você terá que evitar qualquer surto de contágio, madeira, roupas e tudo o que serviu às vítimas da peste. [...] As portas e janelas devem ser abertas, sobretudo as que estão voltadas para o norte; perto do paciente devem ficar flores e frutas perfumadas e refrescantes, rosa, ligustro, nenúfar, violeta, cedros, limões, maçãs, pêra, marmelo selvagem, pêssegos. Devem ser feitos sufumígios de água de rosas, cânfora, cravos. Tente, se puder, não visitar nenhum doente, escapar das aglomerações de pessoas, ficar em uma casa limpa e bem ventilada. Você não deve se aquecer demais para não abrir os poros e predispor-los a acolher o contágio. Para que o ar que você respira entre mais puro, deve sempre manter na boca grãos de zimbro ou raiz de gengiana, galanga ou madeira de cássia, macer ou semente de cedro. Toque também as narinas com uma esponja embebida em vinagre ou água de rosas. Use roupas muito limpas, não lã, se puder, mas de seda e troque-as com muita frequência. [...] não quero nem o excesso nem a comida escassa, mas uma alimentação normal. (FRACASTORO, 1950, p. 104, tradução nossa).<sup>23</sup>

<sup>23</sup> “se il contagio è portato alla tua da un’altra regione, di chiudere le finestre che stanno di fronte a questa e abitare le parti opposte delle casa. Dovrai evitare ogni focolaio di contagio, legna, vesti e tutte le cose che servirono agli appestati. [...] Siano quindi aperte le porte e le finestre, soprattutto quelle che sono volte a settentrione, presso il malato si trovino fiori e frutti profumati e rinfrescanti, rosa, ligustro, ninfea, viola, cedri, limoni, mele appie, pero, cotogno selvatico, pesche. Si facciano suffumigi di acqua rosata, canfora, garofani. Cerca, se puoi, di non visitare alcun malato, di sfuggire gli agglomerati di persone, restare in una casa che sia pulita, che sia giustamente ventilata. Non ti devi riscaldare molto per non aprire i pori e predisporli ad accogliere il contagio. Affinché quell’aria che si inspira entri più pura, tu tieni sempre in bocca grani di ginepro o di radice di genziana o di galanga o legno di cassia o di *macer* o seme di cedro. Tocca pure le narici con una spugnetta infusa di aceto o di acqua di rosa. Indossa indumenti pulitissimi, non di lana se puoi, ma di seta e mutali assai spesso. Non posso lodare coloro che cercano di dimagrire col digiuno, poichè vuotano le vene e le predispongono ad attirare il contagio. Tuttavia non voglio nè la crapula, né il vitto parco ma un’alimentazione normale.”

Encontrar o léxico mais adequado para a tradução dos termos da botânica e da farmacopeia talvez seja o principal desafio de tradução do terceiro livro do tratado. Fracastoro faz vasto uso de plantas, que utiliza em forma de chás, emplastos, fumigações, pois que, para exercer a “nobre arte” de Hipócrates e Galeno no seu tempo, era preciso “ser muito filósofo e um pouco astrólogo, conhecer os clássicos latinos e gregos e preparar misturas”<sup>24</sup> (D’ARPIZIO, 2019, p. 19, tradução nossa), diferentemente da prática cirúrgica, muitas vezes confiada a indivíduos um tanto ignorantes. Como afirma Le Goff (1984), as doenças devem ser compreendidas como fenômenos que fazem parte de um contexto social historicamente determinado, e sua eliminação sempre fez parte das preocupações de homens e mulheres ao longo da história. A tradução do texto *De contagione*, portanto, mais do que questões linguísticas, requer atenção especial sobre as formas do comportamento humano, maneiras de compreender a saúde e a doença, e mesmo das estruturas de poder da época em que foi escrito, considerada a cultura não apenas no sentido de aquisição de conhecimento, mas no seu significado filosófico e humanístico também.

## Referências

- BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica*. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.
- BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. 2. ed. Tradução de Andréia Guerini, Marie-Hélène Catherine Torres e Mauri Furlan. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET: UFSC, 2013.
- BERMAN, Antoine. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.
- D’ARPIZIO, Daniele Mont. Dai Barbieri ai chirurghi: il “bisturi” cambia di mano. In: REDAZIONE DEL BO LIVE. *Medici rivoluzionari*. La scienza medica a Padova dal Duecento alla Grande Guerra. Padova: University Press, 2019. p. 19-23.

---

<sup>24</sup> “essere molto filosofi e un poco astrologi, conoscere i classici latini e greci e saper preparare intrugli.”

D'AURIA, Federica. Il poeta della sifilide e la logica del contagio. In: REDAZIONE DEL BO LIVE. *Medici rivoluzionari. La scienza medica a Padova dal Duecento alla Grande Guerra*. Padova: Università degli Studi di Padova, 2019. p. 59-63.

DAHER, Wilson. *De Girolamo Fracastoro a Archie Cochrane: da intuição privilegiada à Medicina Baseada em Evidência*. 2006. 106 f. Doutorado (Ciências da Saúde) – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto. São José do Rio Preto 2006.

ECO, Umberto. *Dire quasi la stessa cosa*. Esperienze di traduzione. 7. ed. Milano: Bompiani, 2007.

FERREIRA, Luiz Alberto. *O conceito de contágio de Girolamo Fracastoro nas teses sobre sífilis e tuberculose*. 2008. 160 f. Doutorado. (Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

FLOTOW, Luise von. *Translation and Gender: translating in 'The Era of Feminism'*. Manchester: St. Jerome Publishing; Ottawa: University of Ottawa Press, 1997.

FRACASTORII, Hieronymi. Opera omnia, in vnum proxime post illius mortem collecta: quorum nomina sequens pagina plenius indicat. Accessit index locupletissimus. Secunda editio. Venetiis: apud Iuntas, 1574. (Venetiis: apud Iuntas, 1573). Disponível em: [http://www.europeana.eu/en/item/9200369/webclient\\_DeliveryManager\\_pid\\_132102\\_custom\\_att\\_2\\_simple\\_viewer](http://www.europeana.eu/en/item/9200369/webclient_DeliveryManager_pid_132102_custom_att_2_simple_viewer). Acesso em: 19 mar. 2019.

FRACASTORO, Gerolamo. *Trattado inedito sulla sifilide*. A cura di Francesco Pellegrini. Verona: Tipografia Veronese, 1939.

FRACASTORO, Girolamo. *Il contagio, le malattie contagiose e la loro cura*. Traduzione, introduzione e note di Vincenzo Busacchi. Firenze: Leo S. Olschki Editore, 1950.

HENDERSON, John. Fracastoro, il legno santo e la cura del 'mal francese'. In: PASTORE, Alessandro; PERUZZI, Enrico. (org.). *Girolamo Fracastoro. Fra medicina, filosofia e scienze della natura*. Firenze: Istituto e Museo di Storia della Scienza, 2006. p. 73-89. (Atti del Convegno Internazionale di studi in occasione del 450 anniversario della morte – Verona-Padova, 9-11 ott. 2003).

LE GOFF, Jacques. *As doenças têm história*. Tradução de Laurinda Bom. Lisboa: Terramar, 1985.

MILZA, Pierre. *Storia d'Italia. Dalla preistoria ai giorni nostri*. Roma: Corbaccio, 2006.

ORTEGA Y GASSET, José; FURLAN, Mauri; GONZALEZ BEZERRA, Mara. Miséria y esplendor de la traducción / Miséria e esplendor da tradução. *Scientia Traductionis*, Florianópolis, n. 13, p. 5-50, jul. 2013. ISSN 1980-4237. DOI: <http://doi.org/10.5007/1980-4237.2013n13p5>. Disponível em: <http://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/30232/25187>. Acesso em: 26 abr. 2020.

PASTORE, Alessandro; PERUZZI, Enrico. (org.). *Girolamo Fracastoro*. Fra medicina, filosofia e scienze della natura. Firenze: Instituto e Museo di Storia della Scienza, 2006. (Atti del Convegno Internazionale di studi in occasione del 450 anniversario della morte – Verona – Padova, 9-11 ott. 2003).

PELLEGRINI, Francesco. *Vita di Girolamo Fracastoro con la versione di alcuni suoi canti*. Verona: Stamperia Valdonega, 1952.

PIANIGIANI, Ottorino. *Dizionario etimologico*. Firenze: Ariani, 1926. Disponível em: <http://www.etimo.it/?pag=hom>. Acesso em: 23 abr. 2020.

PORTER, Roy. *Cambridge. História da medicina*. Tradução de Geraldo Gomes da Cruz e Sinara Oliveira Leite. Rio de Janeiro: Revinter, 2006.

POUCHELLE, Marie-Christine. Medicina. Tradução de Mário Jorge da Motta Bastos. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente medieval*. Coord. da tradução: Hilário Franco Júnior. São Paulo: Imprensa Oficial: EDUSC, 2002. p. 151-164.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de tradução. Tradução de Celso Braidá. In: HEIDERMANN, Werner (org.). *Clássicos da teoria da tradução. Antologia bilíngue alemão-português*. Florianópolis: Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010. p. 38-101.

TOURY, Gideon. *Descriptive translation studies and beyond*. Amsterdam: John Benjamins, 1995. DOI: <http://doi.org/10.1075/btl.4>.

VENUTI, Lawrence. *A invisibilidade do tradutor*. Tradução de Carolina Alfaro. Revista PaLavra, Departamento de Letras, PUC-Rio. Rio de Janeiro, v. 3, p. 111-134, 1995.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Tradução de Laureano Pelegrin *et al.* Bauru: EDUSC, 2002.

Recebido em: 1º de julho de 2020.

Aprovado em: 22 de outubro de 2020.